

# Viagem à Floresta da Tijuca

FUAD ATALA

**A**certaram-se a Prefeitura e o Ibama. A Floresta da Tijuca vai receber, finalmente, o tratamento que merece. Uma administração compartilhada entre a União e a municipalidade, selada num convênio, garantirá a conservação, a limpeza, a melhoria e a segurança da área.

A floresta não é apenas a maior reserva florestal urbana do mundo. Sob a turfa que recobre seu solo repousa um repositório sociológico de importantes momentos da formação nacional. Ali nasceu e se espalhou pelo Vale do Paraíba a cultura do café no Brasil. Sua chegada ao Rio se deu em 1760. As primeiras sementes foram plantadas na chácara dos capuchinhos italianos ou barbonos, no local onde está o quartel-general da Polícia

Militar, na Rua Evaristo da Veiga. Ali, também, sobre o terreno devastado, o engenheiro Manoel Gomes Archer empreendeu uma fantástica experiência de reflorestamento heterogêneo, recompondo quase que árvore a árvore, sem os recursos de hoje, a cobertura original que havia sido reduzida a lenha e carvão. Entrelaçado a esse quadro, emerge o drama de uma cidade que, não tendo o rio imaginado pelos descobridores ao lhe darem o nome de batismo, sofria com a constante falta d'água. O abastecimento da sedenta metrópole dependia exclusivamente dos escassos mananciais da Tijuca, sob o permanente assédio dos carvoeiros. Daí a necessidade de restaurá-la.

Ao terminar a primeira metade do século passado, concentravam-se no Alto da Tijuca nobres franceses que vieram com a família real portuguesa em 1808, e

na comitiva da missão artística de Lebreton, em 1816. Eram, então, os grandes plantadores e fornecedores do melhor café da corte. Em suas mansões, gravitava, em memoráveis saraus, a fina flor da nobreza fluminense. A Sintra Brasileira, no dizer poético de Chamberlain, era o passeio predileto da imperatriz Leopoldina, colecionadora de orquídeas. No hotel do inglês Bennett, onde os estrangeiros residentes no Rio passavam os meses quentes do verão, o pianista americano Louis Moreau Gottschalk compôs a "Grande fantasia triunfal" sobre o Hino Nacional Brasileiro, dedicada à princesa Isabel e ao conde D'Eu, como contribuição ao esforço da Guerra do Paraguai.

Com a república, a floresta foi abandonada. Em 1943, a Prefeitura do Distrito Federal assume a massa falida. Para administrá-la, o prefeito Henrique

Dodsworth designa o industrial e mecenas Raimundo de Castro Maia. A seu convite, o arquiteto Wladimir Alves de Souza projeta o belo portão da entrada. Portinari pinta os painéis de N. S. do Carmo, S. Simão Stock e S. João da Cruz; e Búrlé Marx executa os jardins da Capelinha Mayrink. A nova estética ressuscita a floresta — Açude da Solidão, Lago das Fadas, a Cascatinha, o Museu do Açude, o Jardim dos Manacás, a Casa Nova, onde morou Escragnolle, as inúmeras grutas. Hoje, este patrimônio está abandonado, ameaçado de ser tragado no processo de favelização da cidade. A parceria Ibama-Prefeitura tem pela frente a tarefa de resgatar a memória e restaurar o esplendor do lugar. Responsabilidade que deve ser repartida com a população.

FUAD ATALA é jornalista.

